

**Orquestrando a raiva e tecendo prazeres: A escrita de si em Audre Lorde sob a perspectiva das Práticas Discursivas**

Marina Santos Melo

Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Escola de Ciências Sociais e da Saúde

Departamento de Psicologia

Orientadora: Prof. Dra. Lenise Santana Borges

Goiânia, 2026

**Orquestrando a raiva e tecendo prazeres: A escrita de si em Audre Lorde sob a perspectiva das Práticas Discursivas**

Marina Santos Melo  
Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Trabalho apresentado como requisito parcial à conclusão da disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II do curso de graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Goiás

**Banca Examinadora:**

Dra. Lenise Santana Borges  
Presidente da Banca: Professora Orientadora

Me. Andressa Teodoro Rosa  
Professora Convidada

Me. Ana Cândida Cardoso Cantarelli  
Professora Convidada

Data da Avaliação: 01/06/2026

Nota final: \_\_\_\_\_

Na vocação para a vida está incluído o amor, inútil disfarçar, amamos a vida. E lutamos por ela dentro e fora de nós mesmos. Principalmente fora, que é preciso um peito de ferro para enfrentar essa luta na qual entra não só o fervor mas uma certa dose de cólera: fervor e cólera. Não cortaremos os pulsos, ao contrário, costuraremos com linha dupla todas as feridas abertas.

Lygia Fagundes Telles

## **Resumo**

O presente estudo analisa as construções de sentido sobre a raiva, o erótico e o silêncio na obra de Audre Lorde, investigando como esses elementos articulam modos de resistência e subjetivação. Fundamentada na perspectiva das práticas discursivas e na produção de sentidos no cotidiano, a pesquisa ancora-se teoricamente no Construcionismo Social, enfatizando a linguagem como prática social constitutiva da realidade. Metodologicamente, caracteriza-se como uma pesquisa documental exploratória de natureza qualitativa, utilizando mapas dialógicos para a análise de três ensaios fundamentais da autora. A análise foca nos posicionamentos discursivos e nos repertórios interpretativos mobilizados por Lorde, considerando o entrelaçamento das dimensões temporais: o tempo longo das heranças culturais, o tempo vivido das experiências e o tempo curto da interação situada. Os resultados evidenciam que Lorde subverte discursos hegemônicos ao ressignificar a raiva como ferramenta política organizada e o erótico como um poder criativo revolucionário que transcende a dimensão puramente sexual. A transformação do silêncio em linguagem e ação é compreendida como uma estratégia discursiva essencial para o enfrentamento de opressões interseccionais de raça, gênero e sexualidade. A análise demonstra que a produção discursiva de Lorde permite a emersão de saberes historicamente marginalizados e a constituição de novas éticas de existência pautadas na sobrevivência política de mulheres negras e lésbicas.

**Palavras-chave:** audre lorde; psicologia social; feminismos; lesbianidades; resistência política

### **Abstract**

This study analyzes the construction of meaning regarding anger, the erotic, and silence in the work of Audre Lorde, investigating how these elements articulate modes of resistance and subjectivation. Grounded in the perspective of discursive practices and the production of meaning in everyday life, the research is theoretically anchored in social constructionism, emphasizing language as a social practice that constitutes reality. Methodologically, it is characterized as a qualitative exploratory documentary research, employing dialogic maps to analyze three of the author's fundamental essays. The analysis focuses on the discursive positions and interpretive repertoires mobilized by Lorde, considering the intertwining of temporal dimensions: the long time of cultural heritage, the lived time of experiences, and the short time of situated interaction. The results indicate that Lorde subverts hegemonic discourses by redefining anger as an organized political tool and the erotic as a revolutionary creative power that transcends the purely sexual dimension. The transformation of silence into language and action is understood as an essential discursive strategy for confronting intersectional oppressions of race, gender, and sexuality. The analysis demonstrates that Lorde's discursive production enables the emergence of historically marginalized knowledges and the constitution of new ethics of existence based on the political survival of Black and lesbian women

**Keywords:** Audre Lorde; social psychology; feminisms; lesbianities; political resistance

## Sumário

|                                                                |           |
|----------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>1. Introdução .....</b>                                     | <b>7</b>  |
| <b>2. Metodologia .....</b>                                    | <b>10</b> |
| <b>3. Resultados e discussão.....</b>                          | <b>11</b> |
| <b>3.1. Os usos da raiva: mulheres reagem ao racismo .....</b> | <b>11</b> |
| <b>3.2. Os usos do erótico: o erótico como poder .....</b>     | <b>15</b> |
| <b>4. Conclusão .....</b>                                      | <b>19</b> |
| <b>5. Referências .....</b>                                    | <b>21</b> |
| <b>6. Apêndice .....</b>                                       | <b>24</b> |

## 1. Introdução

A modernidade agora  
Vai durar pra sempre, dizem  
Toda a tecnologia  
Só pra criar fantasia  
  
Deuses e ciência  
Vão se unir na consciência, dizem  
Vivermos em harmonia  
Não será só utopia  
  
(Antunes, Carvalho & Monte, 2006)

Escrevo a partir de um corpo situado. Sou mulher, bissexual, branca, cisgênera, atravessada por uma experiência de classe média baixa no Centro-Oeste goiano, marcada pelas tensões entre o conservadorismo regional e o frenesi da capital. Assumir esses marcadores faz parte da minha posição ética e epistemológica, que recusa a falsa neutralidade da ciência clássica, o chamado “truque de deus” que pretende ver tudo de lugar nenhum. Como propõe Haraway (1995), a visão é sempre um exercício a partir de algum lugar, e é essa parcialidade assumida que fundamenta uma objetividade feminista, compreendida como *saberes localizados* que permitem uma visão crítica e politicamente responsável. Ao recortar meus marcadores, reconheço que a branquitude e outros privilégios organizam minha experiência e delimitam meus acessos, o que orienta minha escrita em relação a Audre Lorde, sem pretensão de tradução ou apropriação de sua obra, permitindo que sua escrita desestabilize a minha.

Minha aproximação com os feminismos se deu ainda na adolescência, por intermédio de minha mãe, cuja prática cotidiana e posicionamentos de vida já antecederam a formalização teórica dos feminismos. Esse contato inicial, mediado pela experiência vivida, foi posteriormente aprofundado no diálogo acadêmico com autoras bell hooks, Monique Wittig, e Audre Lorde, revelando a necessidade de desnaturalizar as categorias de gênero, sexualidade e raça que moldam nossa subjetividade. Esse percurso confrontou meus privilégios e me colocou diante de um não-lugar, um sentimento de estrangeiridade ao ver que as posições que antes me organizavam já não eram plenamente suficientes (Rago, 2013). Esse deslocamento me faz

reconhecer que o conhecimento não é um espelhamento passivo da realidade, mas uma construção que emerge de redes de conexão e conversas compartilhadas (Spink, 2010).

É nesse ponto que minha trajetória converge com o debate crítico das ciências humanas do século XX, que questionou a viabilidade de modelos pautados pela universalidade e neutralidade diante das desigualdades estruturais (Spink, 2014). Como dar conta das desigualdades e diferenças sob um modelo de conhecimento que buscava universalidade, neutralidade e objetividade? Essa postura reflexiva se inscreve na transição para a Modernidade Tardia, momento em que a ciência é confrontada com os riscos e limites produzidos por seu desenvolvimento (Beck, 1993). Nesse cenário, o Construcionismo Social emerge como um movimento de desfamiliarização do que é tido como “natural”, tratando o conhecimento não como um “espelho da natureza”, mas como um artefato socialmente produzido coletivamente em intercâmbios historicamente situados (Gergen, 1985). Ao adotar essa perspectiva, abandono a “retórica da verdade” como fundamento explicativo e passo a compreender a realidade como um processo interativo de produção de sentidos, no qual a própria noção de “verdade” se ancora em percepções compartilhadas, instituições, relações e acordos sociais (Ibáñez, 1994).

Para mergulhar nessa epistemologia, é necessário desfamiliarizar a dicotomia sujeito-objeto, assumindo que ambos são construções sócio-históricas que não preexistem às práticas que os instituem (Spink, 2014). Aprofundando o conceito de interanimação dialógica, compreendemos que o pensamento e a fala são sempre endereçados a vozes de outros, presentes ou ausentes, que se animam mutuamente na dinâmica de produção de sentidos. Na pesquisa, essa centralidade da interanimação não se restringe a um momento específico, permeando o diálogo entre a autora e os textos que lhe dão sustento teórico, compreendidos como interlocutores que participam ativamente da construção do conhecimento. Tal compreensão desloca a pesquisa de uma busca por estabilidade de sentidos para um acompanhamento atento dos processos pelos quais os sentidos são produzidos, sustentados e transformados nas relações. Como argumenta Hacking (1999), a ciência não elimina a instabilidade, mas a redistribui, e é nesse movimento que reside a esperança de uma epistemologia voltada a libertar-se do que se essencializou ou do que é tratado como categoria absoluta.

Utilizo o referencial das Práticas Discursivas, tomando a linguagem em uso como prática que produz realidades sociais. O sentido, portanto, é um empreendimento coletivo que opera em uma matriz de três dimensões temporais indissociáveis: O *Tempo Longo*, conteúdos culturais históricos; o *Tempo Vivido*, processos de socialização e *habitus*; e o *Tempo Curto*, a interação no aqui e agora (Spink, 2013). É no entrelaçamento dessas vozes e repertórios que a

subjetividade se constitui, revelando que o discurso é um espaço povoado por alteridades que se transformam mutuamente (Bakhtin, 1994).

Foi a partir desse percurso, atravessado pelos feminismos e pelas contribuições do Construcionismo Social, que escolhi a obra de Audre Lorde como corpus dessa pesquisa. Nascida em Nova York, filha de imigrantes caribenhos, Lorde construiu uma trajetória marcada pela articulação entre literatura, ativismo e produção teórica, assumindo publicamente seus marcadores sociais como mulher, negra, lésbica, mãe, poeta e feminista (Lorde, 2021). A autora compreendia a sexualidade como dimensão constitutiva de sua experiência e descrevia sua poesia como um espaço de atravessamento entre sua experiência e os mundos que habitava (Nascimento, Spink & Brambilla, 2024). Sua escrita produz rupturas no sistema literário tradicional ao reivindicar que mulheres negras e lésbicas ocupem o centro de suas próprias narrativas, confrontando processos históricos de invisibilidade (Araújo & Lima, 2025).

A escrita de Audre Lorde também pode ser analisada a partir da escrita de si, definida por Foucault (1984) como uma tecnologia de si, um exercício ético-político de constituição da subjetividade e uma prática de liberdade. Ao narrar a própria experiência, Audre Lorde não reproduz nem representa algo previamente dado, mas constrói a narrativa como um processo que organiza e atribui sentido à própria existência, (Arfuch, 2007). Sua obra participa desse movimento ao recusar a submissão a discursos rígidos e formas cristalizadas de existência, mobilizando uma narrativa femininamente escrita, atravessada por sensações, emoções, memórias, cores, erotismo e percepções. Embora possa enfrentar críticas por uma suposta “falta de rigor” acadêmico, esse estilo de “escrita anímica” constitui uma escolha deliberada que permite ao leitor se identificar com o relato e atualizar uma memória que também é sua, possibilitando vivenciar aquilo que antes não era permitido, como descreve Margareth Rago (2013).

Diante deste percurso teórico construído até aqui, essa pesquisa estabelece como objetivo geral analisar de que maneira Audre Lorde (2019), nos ensaios “Usos da raiva: mulheres reagem ao racismo” e “Usos do erótico: o erótico como poder”, constrói sentidos sobre a raiva e o erótico, produzindo modos de subjetivação e resistência, à luz das práticas discursivas (Spink, 2010) e da escrita de si (Foucault, 1984; Rago, 2013). Para desenvolver essa discussão, proponho analisar os posicionamentos discursivos mobilizados por Lorde, identificando com quem, de que lugar e como sua fala emerge. Além disso, busco compreender os regimes de verdade e as disputas de legitimidade presentes em sua escrita, observando como a autora produz fissuras diante de discursos hegemônicos sobre gênero, sexualidade e raça. Por fim,

pretendo investigar de que maneira sua escrita autobiográfica opera como uma tecnologia de si, acompanhando os processos pelos quais a raiva e o erótico são transformados em possibilidade de existência.

Deixo aqui um convite à leitura, não a qualquer leitura, mas a uma comprometida com o diálogo reflexivo. Uma leitura que não busque respostas prontas, mas que se disponha a tencionar enquadramentos. Não se trata de uma leitura confortável, tampouco de um percurso linear. Entre vozes diversas e conceitos em disputa, esse texto se constrói como tentativa provisória e situada de construir diálogos possíveis, em que a vida possa ser afirmada mesmo em meio às fraturas. Ainda que atravesse uma escrita femininamente marcada, esta narrativa não se restringe às mulheres. Como descreve Rago (2013), esta narrativa também se dirige aos homens, funcionando como testemunho da violência de gênero constitutiva das relações cotidianas, da qual não escapam nem os revolucionários nem os religiosos. Que cada pessoa que atravesse essas páginas possa encontrar ecos, no desconforto, no reconhecimento, nas discordâncias ou nas críticas. Todas são bem-vindas. O texto permanece aberto, assim como a disposição para novos deslocamentos.

## 2. Metodologia

A presente investigação caracteriza-se como uma pesquisa documental exploratória, de natureza qualitativa, fundamentada na Psicologia Social socioconstrucionista com ênfase na abordagem das Práticas Discursivas e Produção de Sentidos no Cotidiano (Spink, 2010). Parte-se do entendimento de que os sentidos são produzidos nas interações sociais, sendo a linguagem uma prática social constitutiva de realidades e posicionamentos (Spink, 2000). Assim, a análise desloca-se da busca por significados ocultos para a compreensão dos processos de negociação de sentidos em contextos históricos específicos

O trabalho é norteado pelas produções contemporâneas da Teoria Queer (Butler, 1993) e dos feminismos negros, compreendendo a escrita de Audre Lorde (2019) como uma prática política e histórica de enfrentamento às múltiplas opressões. A análise articula-se, ainda, às reflexões de Foucault (1984) e Rago (2013) sobre a escrita de si e os processos de subjetivação, interpretando a narrativa autobiográfica como uma tecnologia de si voltada à resistência

O corpus da pesquisa compreende dois ensaios fundamentais de Lorde: *Os usos do erótico: o erótico como poder* (1978) e *Os usos da raiva: mulheres reagem ao racismo* (1981). A seleção justifica-se pela articulação entre experiência pessoal e intervenção política, permitindo analisar posicionamentos discursivos e repertórios interpretativos mobilizados pela autora.

A análise é operacionalizada por meio de mapas dialógicos (Nascimento, Tavanti & Pereira, 2014), recurso metodológico alinhado ao referencial teórico adotado, que visa garantir o rigor e a visibilidade do processo interpretativo. O procedimento envolve a leitura integral dos ensaios, a identificação de trechos relevantes e sua organização em eixos temáticos, permitindo tornar visível o contexto de coprodução das práticas discursivas. Essa ferramenta possibilita acompanhar a interanimação dialógica, as vozes em disputa, os sentidos produzidos e seus efeitos (Spink, 2013), ao mesmo tempo em que explicita os caminhos analíticos percorridos, oferecendo ao leitor condições de compreender as interpretações desenvolvidas.

### **3. Análise e Discussão**

#### **3.1. Os usos da raiva: mulheres reagem ao racismo**

O ensaio “Os usos da raiva: mulheres reagem ao racismo”, apresentado por Audre Lorde em 1981 na conferência da National Woman’s Studies Association, emerge em um cenário sociopolítico marcado por tensões estruturais ao próprio movimento feminista. O que estava, afinal, sendo colocado em disputa naquele momento? Não apenas a legitimidade de determinadas vozes, mas os próprios critérios que definiam quem poderia ser reconhecida como “mulher” dentro dos feminismos (Butler, 2003). As críticas formuladas por mulheres negras ao feminismo branco e à produção acadêmica hegemônica desestabilizam uma certa tranquilidade universalizante, evidenciando que a categoria “mulher”, longe de ser homogênea, opera como um efeito de poder que privilegia experiências específicas – brancas, de classe média, heterossexuais (Wittig, 2022; hooks, 2019). O ensaio de Lorde se inscreve nessa disputa: o que acontece quando se confronta simultaneamente o racismo e as normas que regulam a produção de conhecimento?

Djamila Ribeiro (2018) contribui para situar esse movimento ao compreender o feminismo negro como resposta às exclusões sistemáticas de mulheres negras no interior dos movimentos feministas. Ainda no século XIX, Sojourner Truth já tensionava a universalização da categoria “mulher” ao expor que sua experiência não correspondia ao ideal de feminilidade construído para mulheres brancas <sup>1</sup>. Sua fala explicita que as experiências das mulheres negras muitas vezes se articulam ao trabalho forçado, à violência e à negação de humanidade. Ao se afastar dos parâmetros que sustentaram o ideal de feminilidade branca, emerge a questão sobre

<sup>1</sup>quais referenciais estruturaram os feminismos e sobre quais pessoas podem ocupar posições centrais nesse processo.

O lugar a partir do qual Audre Lorde enuncia ganha densidade quando compreendido como efeito de uma posição discursiva situada. A produção de sentidos se organiza por temporalidades que se entrelaçam e sustentam o campo de enunciação. A leitura proposta por Spink (2010) permite acompanhar a presença de um tempo longo, atravessado pela resistência histórica da escravidão e do racismo; de um tempo vivido, inscrito nas experiências concretas de exclusão; e de um tempo curto, que configura a interação situada e suas disputas. Desse entrecruzamento, os repertórios interpretativos operam como tecnologias discursivas historicamente estabilizadas, delimitando aquilo que pode ser dito, sentido e reconhecido.

A densidade dessas temporalidades ganha materialidade em imagens viscerais. Ao evocar o linchamento de uma mulher negra grávida, cujo bebê foi arrancado de seu corpo em 1921, Audre Lorde conecta sua fúria a uma genealogia de violência e resistência que precede sua existência individual (Lorde, 2019, p.166). Da mesma forma, ao narrar o episódio de 1967, em que sua filha é rotulada como “empregada bebê”, evidencia como o racismo sedimenta sentidos no cotidiano, transformando memórias de dor em substrato para a produção de um saber político situado (Lorde, 2019, p.159).

Audre Lorde inicia o texto afirmando: “As mulheres reagem ao racismo. Minha reação ao racismo é a raiva.”. Em definições correntes, como a do dicionário Michaelis, a raiva aparece associada a “violento acesso de fúria”, à cólera ou à ira, sendo também descrita como um estado de rancor ligado à irritação, ao aborrecimento e à rejeição (Michaelis, n.d.). Na formulação da autora, a raiva se articula a outro campo de sentidos, sua emergência se vincula a experiências concretas de violência, fazendo com que a atenção se volte para as condições históricas e sociais que a produzem. Ao se afirmar nesse registro, produz efeitos de subjetivação que reposicionam a mulher negra como enunciativa que interpreta e nomeia a violência que a atravessa.

A crítica de Audre Lorde às normas de linguagem que estruturam o espaço acadêmico evidencia esse movimento. A exigência de “gentileza” e a crítica à sua “rispidez” atravessam o corpo e organizam modos de perceber a si mesma e ao mundo, enlaçando uma cadeia de medos – desprezo, censura, julgamento, reconhecimento, desafio, aniquilamento — que ultrapassam

---

<sup>1</sup> Sojourner Truth foi o nome adotado por Isabella Baumfree a partir de 1843. Nascida em condição de escravização em Swartekill, Nova York, tornou-se uma importante abolicionista e defensora dos direitos das mulheres negras nos Estados Unidos do século XIX. Seu discurso “Não sou uma mulher?” foi pronunciado em 1851 durante a Convenção dos Direitos da Mulher, em Akron, Ohio.

o plano individual e apontam para condições de existência marcadas por desigualdade (Lorde, 2019). A visibilidade aparece como ponto de tensão, pois sustenta a possibilidade de existir publicamente e, ao mesmo tempo, expõe à violência (Oliveira, 2024). Mulheres negras e lésbicas ocupam, nesse campo, uma posição paradoxal, produzida pela articulação entre exposição e apagamento que sustenta a lógica do racismo, da misoginia e da lesbofobia.

A autoridade da fala de Audre Lorde também se sustenta na articulação com vozes que ultrapassam o tempo da conferência, como as de Mary Church Terrell e Angela Wilson, que juntas formam uma “sinfonia de raiva”. Essa escrita, que responde historicamente às estruturas que silenciaram mulheres de cor, se constitui como prática de produção de si, ancorada em um trabalho contínuo sobre a própria experiência, sem referência a um modelo normativo a ser alcançado. Audre Lorde (2019) descreve que, ao compartilhar suas verdades, ela não apenas se salva da “morte social”, mas também constrói pontes de solidariedade com outras mulheres que compartilham a luta contra a tirania do silêncio. Segundo Margareth Rago (2013), as implicações dessas práticas em experiências marcadas pela marginalização residem na possibilidade de transformação em memória emblemática, coletiva, capaz de produzir reconhecimento e identificação entre diferentes mulheres.

Essa dinâmica se articula a uma tradição histórica de silenciamento da população negra, como relata Grada Kilomba (2016), ao retomar a “máscara do silêncio”, instrumento de tortura utilizado no período escravocrata para impedir que pessoas escravizadas falassem e até mesmo se alimentassem do que produziam. Ao mobilizar a imagem de Anastácia com a máscara de flandres, Kilomba explicita uma tecnologia de poder que regula a fala e delimita quem pode ocupar o lugar de sujeito e em quais condições essa fala ganha reconhecimento. Ao sustentar sua raiva, Audre Lorde rompe com essa lógica e tensiona as fronteiras do discurso legítimo, recusando normas de polidez que operam como contenção.

Historicamente, as manifestações passionais das mulheres foram desqualificadas e silenciadas pelo desprezo social, sendo frequentemente rotuladas como comportamentos “histéricos” como estratégia de manutenção de normatizações e de controle sobre seus corpos (Anzaldúa, 2000). Ao nomear a raiva como “arsenal”, “energia” e “ato de esclarecimento”, Audre Lorde sustenta uma reinvenção da experiência, produzindo modos de existir que escapam aos sentidos previamente instituídos. Para aprofundar essa compreensão, a autora estabelece uma distinção fundamental em relação ao ódio: enquanto este se orienta para a aniquilação, aquela se dirige à transformação das relações entre semelhantes. Sua escrita anímica não busca conter emoções, sensibilidades ou dúvidas para se adequar aos moldes

acadêmicos; ao contrário, incorpora essas dimensões como parte constitutiva do próprio trabalho de pensar (Rago, 2013).

A disputa de sentidos em torno da “culpa branca” em Audre Lorde a inscreve como tecnologia de fronteirização que, em ressonância com as reflexões de Gloria Anzaldúa (1981), participa da manutenção de muros psíquicos e políticos entre centro e margem. Ao descrever a culpa como “tijolos em uma parede”, Lorde expõe um modo de funcionamento que produz contenção e preserva a ignorância privilegiada, sustentada por uma ambivalência que paralisa mais do que mobiliza. Esse “manto de culpa” se articula aos “medos projetados” de quem evita atravessar as fronteiras do próprio conforto, impondo para a mulher de cor a expectativa de mediação e tradução de uma humanidade que lhe é reiteradamente negada.

Diante da auto-recusa e do ódio racial impostos, Gloria Anzaldúa mobiliza a imagem de “vomitar de volta” para afirmar a recusa em sustentar as exigências de acomodação. Como escreve a autora:

A mulher do terceiro mundo se revolta: Nós anulamos, nós apagamos suas impressões de homem branco. Quando você vier bater em nossas portas e carimbar nossas faces com ESTÚPIDA, HISTÉRICA, PUTA PASSIVA, PERVERTIDA, quando você chegar com seus ferretes e marcar PROPRIEDADE PRIVADA em nossas nádegas, nós vomitaremos de volta na sua boca a culpa, a auto-recusa e o ódio racial que você nos fez engolir à força. Não seremos mais suporte para seus medos projetados. Estamos cansadas do papel de cordeiros sacrificiais e bodes expiatórios. (ANZALDÚA, ano)

Há uma ruptura, tanto em Audre Lorde quanto em Gloria Anzaldúa, com a posição de “cordeiro sacrificial”, acompanhada por um deslocamento da economia da culpa, que deixa de operar como contenção e passa a tensionar os processos de identificação que sustentam a relação entre mulheres. A recusa em “carregar a mulher branca pela mão” marca um limite, deslocando a expectativa de mediação e interrompendo a lógica que delega às mulheres de cor a tarefa de sustentar o diálogo. A abertura produzida por Audre Lorde reinscreve a possibilidade de tensionar os regimes de objetificação e da captura pela culpa, acolhendo todas as mulheres dispostas a se encontrar cara a cara.

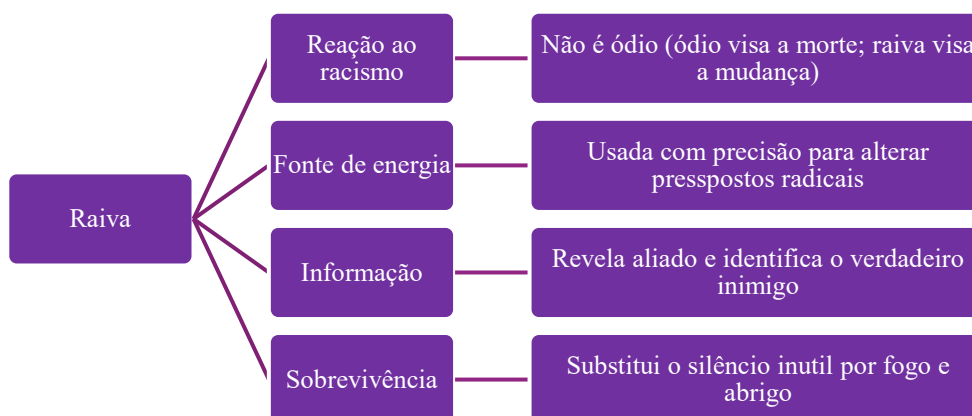


Figura 1 - Árvore de Associações de Ideias – Os Usos da Raiva: Mulheres reagem ao racismo

A sistematização apresentada no mapa dialógico, detalhado no apêndice A, permite visualizar como Audre Lorde constrói a raiva a partir de diferentes repertórios interpretativos, deslocando sentido usualmente associado à irracionalidade para um sentido de potência política organizadora. Na tabela, a raiva aparece articulada a três eixos principais: como ferramenta de sobrevivência e enfrentamento do racismo, como fonte de energia que sustenta processos de transformação e como prática política que exige direção e elaboração coletiva. Em contraste, a culpa é construída como um afeto que produz imobilidade, contribuindo para a manutenção de privilégios e na evitação do confronto com o racismo. Além disso, é possível observar como as normas de linguagem, como a exigência da polidez, funcionam como dispositivo de regulação da fala, incidindo sobre a forma como a raiva pode ser expressa e reconhecida.

### 3.2. Usos do erótico: O erótico como poder

O artigo de Audre Lorde “Os usos do erótico: o erótico como poder” foi apresentado em 1978 no *Fourth Berkshire Conference on the History of Woman*, e logo após publicado pela primeira vez como panfleto pela Out Books, sendo posteriormente republicado como um dos capítulos de *Irmã Outsider*, em 1984. A análise desse texto, sob a ótica socioconstrucionista, implica compreender que o conhecimento não constitui um reflexo passivo da realidade, mas um artefato social produzido em intercâmbios historicamente situados (Spink, 2013). Nessa perspectiva, o “erótico” deixa de ser apreendido como categoria biológico-sexual e passa a ser investigado como construção social e prática discursiva que organiza relações de poder.

A abordagem genealógica da sexualidade proposta por Michel Foucault aponta que, a partir do século XVIII, o desejo passa a ser progressivamente moldado por discursos científicos, morais e médicos, influenciando diretamente as formas pelas quais as pessoas são compreendidas e constituídas (Foucault, 2009). Inseridos nessa matriz discursiva da modernidade, Sigmund Freud (1905) desempenha papel central ao formular uma teoria da sexualidade que desloca, ainda que parcialmente, sua redução à reprodução. Ao introduzir a noção de sexualidade infantil e polimorficamente perversa, Freud desestabiliza a centralidade da genitalidade como único lugar do prazer. Esse deslocamento, no entanto, não se dá sem reinscrição normativa, uma vez que o desenvolvimento psicosssexual permanece orientado em direção à organização genital heterossexual, tomada como forma madura.

Ainda que a Psicanálise Freudiana abra fissuras na compreensão biologizante da sexualidade, ela também participa da produção de regimes de verdade que classificam, hierarquizam e normatizam os modos de desejar, como apontam as críticas formuladas por Judith Butler (2003) em diálogo com Monique Wittig (2022). Ao problematizar o “sexo” como categoria compulsória que organiza corpo e desejos, essas autoras propõe uma economia alternativa dos prazeres, deslocando a centralidade da genitalidade e abrindo espaços para formas de experiência que não se orientam por uma finalidade específica. Essa multiplicidade de prazeres pode ser compreendida como uma contraestratégia à construção genital da sexualidade, abrindo espaço para pensar o desejo para além de sua captura por uma lógica normativa de desenvolvimento.

A formulação de Audre Lorde pode ser aproximada dessa contraestratégia, mas não se restringe a ela. Além de questionar a centralidade da reprodução ou da genitalidade, Lorde amplia o campo do erótico ao não se restringir ao domínio da sexualidade, recorrendo à análise etimológica do termo para introduzir sua concepção. Derivado do grego antigo *eros*, o erótico é associado à personificação do amor em suas múltiplas dimensões e relacionado ao poder criativo. Ao recuperar esse sentido, Audre Lorde reinscreve o erótico como elemento revolucionário frente à opressão, articulando sua supressão às dinâmicas de dominações racista, patriarcal e lesbofóbica, abrindo espaço para uma leitura crítica e interseccional (Nascimento, Spink, Brambilla, 2024).

Um movimento importante no texto de Audre Lorde é a desfamiliarização da definição ocidental dominante que reduz o erótico ao sexual ou se confunde com o pornográfico. Diante disso, cabe perguntar: a quem interessa a desvalorização e a demonização do erótico? Segundo a autora, na sociedade de classes, a narrativa hegemônica que associa o erótico à

superficialidade ou à inferioridade feminina produz mulheres que aprendem a desconfiar da própria intensidade, sentindo culpa e indignidade diante do desejo. Nesse movimento, tanto o desejo quanto a escrita vão sendo apropriados por uma lógica masculina e, como aponta a autora, são frequentemente distorcidos e utilizados de forma a reforçar a subordinação das mulheres.

A aproximação entre Audre Lorde e Silvia Federici, em *Calibã e a Bruxa* (2023), evidencia como o desenvolvimento do capitalismo e do patriarcado vai se sustentando às custas de uma expropriação contínua da subjetividade e da autonomia das mulheres. Segundo Lorde, o “horror maior” de um sistema que prioriza o lucro em detrimento das necessidades humanas é o roubo do valor erótico do trabalho, reduzindo o agir a um “arremedo de necessidades” e ao esquecimento de quem somos e de quem amamos. Em Federici, esse movimento se inscreve na transformação do corpo da mulher em máquina de produção de força de trabalho, processo que não se sustenta sem eliminar aquelas que resistem à lógica do capital, condensadas na figura da bruxa, a curandeira, a desobediente e aquela que ousava viver só.

Historicamente, a “Caça às bruxas” operou como uma campanha de terror para voltada à imposição de uma nova disciplina de trabalho, na qual a “magia” e os saberes corporais passam a ser perseguidos por desafiarem as exigências de controle social e produtividade (Federici, 2023). O silenciamento do erótico, que Lorde descreve como um recurso demonizado e maltratado na cultura ocidental, pode ser compreendido como um desdobramento psíquico desses cercamentos históricos. Ao aprendermos a desconfiar dessa fonte de poder, nossa energia vital vai sendo capturada e redirecionada para a sustentação das estruturas vigentes. Nessa lógica, nós, mulheres, somos mantidas em posições de distanciamento e inferiorização para sermos “ordenhadas” psiquicamente, de um movimento semelhante ao das formigas que mantêm colônias de pulgões para extrair deles uma substância nutritiva destinada aos seus líderes (Lorde, 2019).

A reconfiguração do erótico em Audre Lorde ultrapassa a esfera do desejo para se constituir como uma prática de elaboração de si, em que narrar a própria experiência se torna uma forma de sustentar a existência frente às violências que produzem silenciamento e morte social (Rago, 2013). Em Lorde, o erótico não se restringe à sexualidade, mas aparece como uma força profunda de criação, conhecimento, sensibilidade e entrega plena à vida. É a capacidade de sentir intensamente, de habitar o próprio corpo, de dançar, escrever, construir, pensar e experimentar o mundo de maneira não fragmentada. De que forma, então, nós, mulheres, podemos tornar o mundo um lugar diferente? Essa questão encontra ressonância na proposta de

Gloria Anzaldúa (2000) sobre a “criação de alma”, especialmente quando a autora convoca mulheres a escreverem “com seus olhos como pintoras”, “com seus pés como dançarinas” e a colocarem “suas tripas no papel”. Assim como em Lorde, a escrita em Anzaldúa aparece vinculada ao corpo, aos afetos e à criação, se tornando prática de sobrevivência, reinvenção e enfrentamento às rupturas produzidas pelo horror sistêmico.

Dessa forma, a autora propõe reavaliar a qualidade de todos os aspectos da vida e do trabalho, interrogando não apenas o que se faz, mas como se vive e como se habita cada movimento da existência. Tal compreensão alcança sua formulação mais explícita quando Lorde afirma:

E esse saber profundo e insubstituível da minha capacidade para o gozo acaba por exigir que minha vida inteira seja vivida com a compreensão de que tal satisfação é possível, e de que ela não precisa ser chamada de *casamento*, nem de *deus*, nem de *vida eterna*.  
(Lorde, 2019, p. 70-71)

Diferente da pornografia, que se ancora na superficialidade obscena da representação genital e na exploração do desejo, o erótico se constitui como uma metáfora da própria vida, exigindo uma qualidade de presença que recusa a plasticidade das sensações desprovidas de sentimento. Essa distinção é fundamental para compreender o erotismo como uma ferramenta política voltada à preservação da memória social, enfrentando o apagamento histórico e o "inventário negativo" que sequestrou a narrativa das existências sáficas ao longo dos séculos (Nascimento, Spink, Brambilla, 2024). Ao transformar o saber profundo do gozo em uma bússola para o agir, a escrita de Lorde permite a invenção de uma língua da travessia, desobedecendo à posição degradante imposta pelo regime cisheteronormativo e consagrando a transgressão como via indispensável para a emancipação política.



Figura 2 - *Árvore de Associações de Ideias – Os usos do erótico: O erótico como poder*

O mapa dialógico "Os usos do erótico" inscreve o erótico como uma tecnologia de poder subjetivo e político que, ao validar o sentir como fonte de conhecimento e integridade espiritual, subverte as lógicas da colonialidade e do patriarcado ocidental. Essa perspectiva denuncia a expropriação da energia vital pelo sistema capitalista e a "demonização do sentir" voltada ao silenciamento de mulheres negras, contrapondo a real autonomia do desejo ao simulacro alienante da pornografia. Ao transmutar a intimidade em ferramenta de coalizão interseccional, o reconhecimento do erótico como padrão de excelência forja subjetividades "ingovernáveis", transformando o compromisso ético com a alegria em um ato revolucionário de desobediência e liberdade.

#### 4. Conclusão

A travessia que percorri nessas páginas não se pretende um ponto de chegada, mas um território de fronteira onde assumo essa escrita de si como uma tecnologia de resistência e um exercício ético de liberdade. Ao desestabilizar o “truque de deus” da neutralidade científica, reafirmo que o conhecimento aqui produzido é um saber localizado, atravessado pelas marcas do meu corpo situado e pela recusa de uma razão pura que pretender ver tudo de lugar nenhum. Esta pesquisa não buscou uma síntese pacificadora, mas a sustentação de uma emergência revolucionária que exige a análise entrelaçada das dimensões de poder, lesbofobia, racismo, economia, colonialidade e patriarcado, para confrontar os efeitos de um discurso androcêntrico historicamente construído como universal.

Ao mergulhar nos ensaios de Audre Lorde, compreendi que minha própria escrita encarnada deveria acionar memórias ancestrais e afetos, transformando o fazer acadêmico em um espaço onde a subjetividade não é ocultada, mas revelada em sua plenitude. A análise da sinfonia de raiva, quando orquestrada com precisão, se converte em potência, linguagem e possibilidade de transformação. Ao rompermos com a “máscara de silêncio”, ainda que atravessada por experiências distintas de violência e privilégio, habitamos as rachaduras de um sistema que nos preferia invisíveis, subvertemos os lugares de apagamento que nos foram historicamente impostos.

Nesse percurso, a recuperação do erótico como poder emergiu como o contraponto vital à expropriação da nossa subjetividade pelo capital. Se a modernidade capitalista tentou reduzir nossos corpos à produtividade e transformar a vida em repetição exausta de necessidades impostas, o erótico reaparece como força capaz de devolver intensidade e presença e participação viva no próprio existir. Não se trata apenas de desejo sexual, mas de uma ética da profundidade, de uma recusa da mediocridade afetiva e política que nos ensina a sobreviver com o pouco. O erótico, em Lorde, exige plenitude. Exige que a vida não seja vivida pela metade.

Minha escrita é, portanto, testemunho de que não sou apenas produzida pelo discurso, mas também autora de modos possíveis de existência. Ao colocar as “tripas no papel” e narrar aquilo que atravessa meu corpo, busco escapar dos silenciamentos que organizam a morte social e construir alianças políticas por meio da palavra. Em diálogo com a escrita encarnada de Audre Lorde, reconheço que escrevo menos a partir de uma racionalidade neutra do que de uma experiência corporificada, situada e inacabada. Talvez seja justamente isso que parte da psicologia ainda tenha dificuldade de suportar: mulheres produzindo saber sobre si mesmas sem solicitar autorização epistemológica. Durante muito tempo, interessou mais transformar nossas dores em objeto de análise do que reconhecer que, em nossas próprias narrativas, já existiam teoria, crítica e formas sofisticadas de compreender o mundo.

Esse texto não emerge de uma verdade absoluta, mas de uma inquietação que insiste: de que forma nós, mulheres, podemos tornar o mundo um lugar diferente? Talvez a resposta resida na coragem de transformar o silêncio em linguagem e ação, fazendo do erótico o nosso guia de excelência e da escrita o campo onde orquestramos nossas raivas. Ao criarmos línguas de travessia que escapem ao apagamento, à docilidade e às normativas que tentam organizar nossos corpos e desejos, abrimos espaço para existências menos capturadas pela violência e pela

submissão. Nesse movimento, reinventamos continuamente quem somos, quem amamos e os modos pelos quais desejamos viver.

## 5. Referências

- Antunes, A., Carvalho, D., & Monte, M. (2006).** Dizem [Canção]. Em M. Monte, *Infinito Particular*. EMI.
- Antunes, A., Fromer, S., & Britto, S. (1987).** Comida [Canção]. Em Titãs, *Jesus não tem dentes no país dos bangueiros*. WEA.
- Anzaldúa, G. (1981).** *This bridge called my back: Writings by radical women of color*. Kitchen Table: Women of Color Press.
- Anzaldúa, G. (2000).** Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo (É. de Marco, Trad.). *Revista Estudos Feministas*, 8(1), 229–236. (Obra original publicada em 1981).
- Anzaldúa, G. (2012).** *Borderlands/La frontera: The new mestiza* (4th ed.). Aunt Lute Books.
- Araújo, A. T., & Lima, E. G. (2025).** Corpos em erupção: mulheres negras, escrita erótica e circuitos alternativos de publicação. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, (74). <https://doi.org/10.1590/2316-40187420>.
- Arfuch, L. (2010).** *O espaço biográfico: Dilemas da subjetividade contemporânea* (P. Knauss, Trad.). EdUERJ.
- Bakhtin, M. (1994).** *Estética da criação verbal* (M. E. G. G. Pereira, Trad.). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1979).
- Beck, U. (1993).** *Risk society: Towards a new modernity* (M. Ritter, Trans.). Sage. (Trabalho original publicado em 1986).
- Butler, J. (1993).** *Bodies that matter: On the discursive limits of "sex"*. Routledge.
- Butler, J. (2003).** *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade* (R. Aguiar, Trad.). Civilização Brasileira.
- Caetano, L. M., & Rigoni Filho, R. (2022).** A raiva como potência política: Subjetivação e resistência em Audre Lorde. *Revista de Psicologia Política*, 22(54), 415–430.
- Cordeiro, M. P., Lopes, F. T. P., Brigagão, J. I. M., & Rasera, E. F. (Orgs.). (2023).** *Diálogos sobre construcionismo social: entrevistas com Kenneth Gergen, Lupicinio Íñiguez-Rueda, Mary Jane Spink e Tomás Ibáñez*. CRV; IPUSP. <https://doi.org/10.24824/978652513741.4>.
- Davis, A. (1981).** *Women, race and class*. Random House.
- Federici, S. (2023).** *Calibã e a bruxa: Mulheres, corpo e acumulação primitiva* (3ª ed.). Elefante.

- Foucault, M. (1984).** A escrita de si. Em M. Motta (Org.), *Ditos e escritos V: Ética, sexualidade, política* (pp. 144–162). Forense Universitária.
- Foucault, M. (2009).** *História da sexualidade I: A vontade de saber* (19ª ed.). Graal.
- Foucault, M. (2022).** *Dizer a verdade sobre si: Conferências na Universidade Victoria, Toronto, 1982* (H. B. Caldas, Trad.). Ubu Editora.
- Freud, S. (1905).** *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Imago.
- Gergen, K. J. (1985).** The social constructionist movement in modern psychology. *American Psychologist*, 40(3), 266–275.
- Hacking, I. (1999).** Why ask what? Em *The social construction of what?* (pp. 1–34). Harvard University Press.
- Haraway, D. (1995).** Saberes localizados: A questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, (5), 7–41.
- hooks, b. (2019).** *Olhares negros: Raça e representação* (S. Marinho, Trad.). Elefante.
- Ibáñez, T. (1994).** *Psicología social construccionista*. Universidad de Guadalajara.
- Kilomba, G. (2016).** *Memórias da plantação: Episódios de racismo cotidiano* (J. Oliveira, Trad.). Orfeu Negro.
- Lorde, A. (1984).** *Sister outsider: Essays and speeches*. Crossing Press.
- Lorde, A. (2019).** *Sou uma mulher negra, lésbica, guerreira, poeta: Antologia de Audre Lorde* (S. Marinho, Trad.). Autêntica.
- Michaelis. (n.d.).** Raiva. Em *Dicionário brasileiro da língua portuguesa*.  
<https://michaelis.uol.com.br/>.
- Nascimento, M. L., Spink, M. J., & Brambilla, B. B. (Orgs.). (2024).** *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano* (3ª ed.). Centro Edelstein.
- Nascimento, M. L., Tavanti, R. D., & Pereira, S. J. N. (2014).** Mapas dialógicos: visibilizando processos de interanimação dialógica. *Psicologia & Sociedade*, 26(2), 293-303.
- Rago, M. (2013).** *A aventura de contar-se: Feminismos, escrita de si e invenções de subjetividade*. Unicamp.
- Ribeiro, D. (2018).** *Quem tem medo do feminismo negro?*. Companhia das Letras.
- Rodrigues, T. F., & Freitas, S. S. (2021).** Práticas discursivas e ativismo negro: O contradiscurso como estratégia de resistência. *Psicologia & Sociedade*, 33, e231542.
- Simões, P., & Roca, G. (1975).** *Trem do Pantanal* [Canção]. Gravadora Independente.
- Spink, M. J. P. (2000).** A ética na pesquisa social: Da perspectiva prescritiva à interanimação dialógica. *Psico*, 31(1), 7–22.

- Spink, M. J. (2010).** *Linguagem e produção de sentidos no cotidiano*. Centro Edelstein de Pesquisas Sociais. <http://books.scielo.org>.
- Spink, M. J. (Org.). (2013).** *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: Aproximações teóricas e metodológicas*. Centro Edelstein de Pesquisas Sociais. <http://www.centroedelstein.org.br>.
- Spink, M. J. (Org.). (2014).** *A psicologia em diálogo com o SUS: Práticas integrativas e a produção de sentidos*. Atheneu.
- Telles, L. F. (2010).** *A disciplina do amor: Memória e ficção*. Companhia das Letras.
- Webster, J. G. (2010).** The social construction of audience attention. *Journal of Communication*, 60(4), 666–685.
- Wittig, M. (2022).** *O pensamento heterossexual e outros ensaios*. Autêntica

## Apêndice A

### Mapa Dialógico – Os usos da Raiva: Mulheres reagem ao racismo

| Citação direta                                                                                                                                                                                           | Repertórios Interpretativos                                | Vozes em diálogo                                                                   | Sentidos produzidos                                                                | Efeitos discursivos                                                                                 | Relação com o racismo/ feminismo                                                               |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------|
| "Minha reação ao racismo é a raiva. Tenho vivido com essa raiva, ignorando-a, alimentando-me dela, aprendendo a usá-la antes que ela relegue ao lixo as minhas visões, durante boa parte da minha vida." | Raiva como ferramenta de sobrevivência e arsenal.          | Lorde (sujeito situado) em diálogo com sua própria trajetória e o sistema racista. | A raiva é um recurso vital a se “orquestrado”.                                     | Deslocamento da raiva de um afeto negativo/ paralisante para uma prática de resistência consciente. | Crítica à expectativa da passividade e silêncio imposta às mulheres negras.                    |
| "A culpa e a postura defensiva são tijolos em uma parede contra a qual todas nos chocamos; elas não servem aos nossos futuros."                                                                          | Metáfora arquitetônica da inércia (tijolos/ parede).       | Voz de Lorde interpelando as mulheres brancas (interlocutoras explícitas).         | A culpa opera como mecanismo de proteção da ignorância e manutenção do status quo. | Ruptura com a subjetividade da “mulher branca culpada” para exigir ação informada.                  | Disputa de sentidos: raiva (mudança) vs. Culpa (paralisia) no interior do movimento feminista. |
| "Uma mulher branca diz: ‘Diga como você se sente, mas não fale disso com tanta rispidez, ou eu não consigo te ouvir’.                                                                                    | Ortodoxia da polidez acadêmica e “gentileza como controle. | Diálogo entre a acadêmica branca (voz da opressão) e a                             | A exigência de tom de voz dócil é uma tática para evitar a                         | Denúncia da autoridade moral que silencia a “rispidez”                                              | Exposição da colonialidade nas relações raciais dentro da academia.                            |

|                                                                                                                                                                                                                        |                                                                     |                                                                         |                                                                                 |                                                                                  |                                                                                      |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------|
|                                                                                                                                                                                                                        |                                                                     | mulher de cor<br>(Lorde).                                               | mensagem de<br>mudança radical.                                                 | para preservar<br>privilégios.                                                   |                                                                                      |
| "Toda mulher tem um arsenal de raiva bem abastecido que pode ser muito útil contra as opressões... Usada com precisão, ela pode se tornar uma poderosa fonte de energia a serviço do progresso e da mudança."          | Metáfora militar e energética (arsenal/ fonte de energia)           | Voz coletiva das mulheres oprimidas convocada por Lorde.                | A raiva é produzida como um ato de esclarecimento que liberta e dá força.       | Transformação do sofrimento em agência política e instrumento de precisão.       | A raiva como substrato necessário para a alteração radical dos pressupostos sociais. |
| "O ódio é a fúria daqueles que não compartilham os nossos objetivos, e a sua finalidade é a morte e a destruição. A raiva é um sofrimento causado pelas distorções entre semelhantes, e a sua finalidade é a mudança." | Distinção ética e funcional (Ódio vs. Raiva).                       | Opressores (ódio virulento) vs. Semelhantes em coalizão (raiva fértil). | A raiva é uma ideia "herética e fértil" entre mulheres que buscam clareza.      | Legitimação do conflito como sintoma de crescimento e não como destruição fatal. | Definição dos aliados vs. Inimigos reais no campo da luta política                   |
| "E chamo de sinfonia em vez de cacofonia porque tivemos que aprender a orquestrar essas fúrias para elas não nos destruïrem."                                                                                          | Metáfora musical e estética da organização (sinfonia/orquestração). | Vozes de mulheres de cor sobreviventes em diálogo intergeracional.      | A sobrevivência exige a transformação do caos emocional em potência organizada. | Produção de uma subjetividade resiliente que recusa a patologização da fúria.    | Reconhecimento da raiva como herança e legado das mulheres de cor.                   |
| "Sim, eu sou negra e lésbica, e o que você ouve na minha voz é                                                                                                                                                         | Identidade interseccional como                                      | Lorde (eu-negra-lésbica) vs. O olhar                                    | Recusa da posição de vítima passiva para                                        | Efeito performativo de situar o self fora                                        | Confronto direto com o feminismo liberal                                             |

|                                                                                                                                                                |                                           |                                                                             |                                                                            |                                                                                       |                                                                       |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------|
| fúria, não sofrimento. Raiva, não autoridade moral. Há uma diferença."                                                                                         | posicionamento político.                  | que objetiva o sofrimento alheio.                                           | assumir a autoridade da fúria ativa.                                       | dos padrões de "humanidade" flexíveis exigidos.                                       | que prefere o sofrimento à raiva.                                     |
| "A raiva que se posta entre nós deve ser usada para a clareza e para o empoderamento mútuo, não para se eximir da culpa e agravar ainda mais nossa separação." | Empoderamento mútuo e clareza epistêmica. | Irmãs de cor (interlocutoras explícitas) e mulheres brancas (interpeladas). | A raiva é a ponte para identificar opressões compartilhadas e específicas. | Produção de subjetividade política coletiva baseada na honestidade e não no silêncio. | Proposta de um novo marco civilizatório democrático para o feminismo. |

## Apêndice B

### Mapa Dialógico – Os usos do erótico: o erótico como poder

| <b>Citação direta</b>                                                                                                            | <b>Repertórios Interpretativos</b>                                                                           | <b>Vozes em Diálogo</b>                                                                                         | <b>Sentidos produzidos</b>                                                                                            | <b>Efeitos discursivos</b>                                                                             | <b>Relação com o Racismo/ Feminismo</b>                                                                                        |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| “O erótico é um recurso que reside em cada um de nós... profundamente assentado em nosso poder espiritual”                       | O erótico como recurso interno; metáfora da “luz” e “profundidade”; poder espiritual vs. poder institucional | Tensiona a voz do patriarcado ocidental, que restringe o erótico ao sexual ou ao pornográfico para controlá-lo. | O erótico é ressignificado como inteireza e autoconsciência; uma qualidade de presença que informa o agir.            | Desnaturalização do erótico como “perigoso”; legitimação de uma fonte de poder subjetiva e autônoma.   | Reivindica uma potência que o feminismo branco liberal muitas vezes apenas em direitos legais.                                 |
| "O horror maior de qualquer sistema que define o que é bom com relação ao lucro... rouba do nosso trabalho o seu valor erótico." | Alienação do trabalho; o sistema como "ladrão" de encanto; "arremedo de necessidades" vs. realização humana. | Dialoga com a perspectiva marxiana de alienação, expandindo-a para a expropriação da energia vital.             | O trabalho sob o capital é construído como esvaziamento de sentido; a existência é reduzida à funcionalidade técnica. | Denúncia da desumanização; produção de uma subjetividade que resiste a ser apenas "mão de obra" dócil. | Expõe o "nó exploração-dominação-opressão", onde mulheres são "ordenhadas psiquicamente" para suprir o patriarcado e o capital |
| "Fomos ensinados a desconfiar desse recurso, demonizado,                                                                         | Demonização do sentir; suspeita sistemática; cultura ocidental como                                          | Responde à racionalidade branca/patriarcal                                                                      | Constrói a ideia de que o conhecimento profundo é ameaçador;                                                          | Deslocamento de sentidos: o perigo não é o erótico, mas a                                              | Crítica à colonialidade, que invalida subjetividades de                                                                        |

|                                                                                                                             |                                                                                       |                                                                                                                 |                                                                                                          |                                                                                                           |                                                                                                                                                |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| maltratado e desvalorizado na cultura ocidental."                                                                           | agente de silenciamento.                                                              | ("Penso, logo existo") que hierarquiza a razão sobre o afeto.                                                   | o silêncio é uma ferramenta de manutenção da ordem.                                                      | consciência que ele desperta contra a opressão.                                                           | mulheres negras ao rotular seu sentir como "primitivo" ou "excessivo" para desautorizá-las.                                                    |
| "O erótico fornece poder através do compartilhamento íntimo de atividades... criando pontes entre as pessoas."              | Pontes de conexão; compartilhamento íntimo; poder como coletividade e reconhecimento. | Tensiona o individualismo neoliberal que isola sujeitos e fragmenta as lutas sociais por identidade.            | A intimidade e o desejo são sentidos como ferramentas de coalizão e reconhecimento da alteridade.        | Produção de subjetividades coletivas; resistência através da quebra do isolamento imposto pelo racismo.   | Fortalece o feminismo interseccional, onde a conexão erótica entre mulheres negras e lésbicas rompe com a "solidão ancestral" e gera pertença. |
| "A supressão do erótico como fonte de poder e informação... é uma ferramenta de dominação feminina"                         | Erotismo como arena de poder; supressão como tecnologia; camuflagem do desejo         | Tensiona a cisheteronormatividade que foca na pornografia ("plastificada") para alienar o prazer real           | O desejo é significado como um território em disputa; a perda do erótico é a perda da autonomia política | Desnaturalização da submissão feminina; denúncia de que o controle sobre o sentir é controle sobre o agir | Articula como o racismo e o sexismo operam juntos para invalidar o prazer de mulheres dissidentes                                              |
| "Uma vez que conhecemos nossa capacidade de sentir satisfação... passamos a exigir que toda a nossa vida seja vivida assim" | Exigência de plenitude; o erótico como padrão de excelência; recusa da mediocridade   | Dialoga com o conceito de literatura perigosa de Eliane Moraes: o saber que transforma e não aceita a inocência | A vida é construída como um compromisso ético com a alegria; o erótico torna o sujeito "ingovernável"    | Produção de resistência ativa; efeito de insubmissão contrarregimes que oferecem apenas a sobrevivência   | Reitera que para mulheres sáficas/negras, a plenitude é um ato de desobediência contra a aniquilação                                           |

---

|                                                                                                  |                                                                           |                                                                                                       |                                                                                                            |                                                                                                       |                                                                                                    |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------|
| "O erótico aparece como o desejo de presença, de sentido, de participação viva no próprio fazer" | Participação viva; "fazer" poético-político; integridade vs. fragmentação | Interlocução com a "escrita orgânica" de Anzaldúa: a produção de si através das vísceras e da verdade | A existência é produzida como prática de liberdade; o sujeito recusa ser objeto e assume a autoria da vida | Legitimação de novos modos de ser; resistência contra a gestão técnica da vida que separa vida e obra | Consagra a ideia de que a revolução é subjetiva e material, indissociável da raça, classe e gênero |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------|

---